



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PALÁCIO DA ALVORADA, BRASÍLIA, DF, 12 DE AGOSTO DE 1996

Senhores Ministros de Estado que estão aqui presentes; Senhor Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Carlos Nuzman; Presidente da FIFA, meu amigo João Havelange, que nos dá a honra de estar aqui; Senhor Embaixador do Comitê Olímpico para o Rio 2004, Deputado Ronaldo César Coelho; Senhores Presidentes das empresas estatais e privadas, patrocinadoras dos desportistas brasileiros; Senhor Torben Grael; Meus Caros Atletas Olímpicos que aqui estão; Senhoras e Senhores;

Quero apenas reiterar o que já disse, algumas vezes, a respeito do orgulho que nós todos, brasileiros, sentimos pelos êxitos que vocês obtiveram lá em Atlanta. E é isso que estamos simbolizando, hoje, neste encontro do Presidente da República com os atletas brasileiros.

Tenho certeza de que cada brasileiro gostaria de estar aqui. E podem ter certeza de que o interesse despertado entre os que trabalham comigo e entre os que trabalham neste Palácio da Alvorada foi imenso. Estão todos, aí, assistindo a esta cerimônia, porque bateu forte o coração cada vez que vocês disputavam pelo Brasil lá em Atlanta. E os resultados vieram.

Eu me recordo de que, quando os recebi antes que fossem para Atlanta, o Nuzman disse e eu repeti: o importante não é ganhar medalha, o importante é competir. Mas vamos ser claros: quando se ganha quinze medalhas, realmente se fica com um orgulho imenso e com mais vontade ainda de continuar competindo.

No Brasil, todos sabem que em Los Angeles tivemos oito. Agora tivemos quinze: três de ouro, três de prata, muitas de bronze – tudo isso mostrando aquilo que vale, que é todo um progresso, claro, personificado naqueles que estão portando as medalhas, mas é um progresso que reflete o progresso do País. Melhorou a condição do Brasil, porque não se consegue superar potências olímpicas, como aqui foi dito, como a Bélgica, o Japão, a Inglaterra, senão quando há muita gente trabalhando para que se chegue lá.

Nós conseguimos medalhas no basquete, no vôlei e no futebol, que são esportes coletivos. Não é fácil. Nós conseguimos em todos eles ganhar medalhas. Torcemos aqui, desesperadamente, e nos alegramos muito com isso.

Eu queria dizer também ao Torben Grael – que acabou de nos saudar, além do Nuzman –, sobre o que ele afirmou, que não era propriamente aquilo para o qual ele estava melhor preparado. Vocês imaginem se eu fosse competir. Aí, sim, seria uma coisa difícilima. De modo que agradeço muito o que você disse, a fluidez de suas palavras e tudo isso.

Agora, acho que precisamos continuar trabalhando, porque isso tudo é o resultado das federações, das confederações, do esporte de base nas escolas, desse esforço imenso que o Ministro Pelé está fazendo para que não se pense que o esporte se resume àquilo que é o seu máximo, que é o que vocês fazem. Não. O esporte tem que ser praticado no dia-a-dia e alcançar o conjunto da população brasileira, as camadas mais pobres.

Nós temos que transformar esses muitos campos que estão disponíveis, e, muitas vezes, não são utilizados, em lugar de encontro, de participação e de incentivo para que a população, no seu conjunto, participe desse imenso esforço que estamos fazendo. Isso só acontece

quando Brasil se organiza, como está se organizando; quando acredita, quando realiza, quando, em vez de ficar olhando só para trás e chorando as mágoas do que não existe, conseguimos comemorar aquilo que nós já fizemos, que já existe. É preciso ter capacidade de olhar o horizonte, de acreditar, de se jogar, que é o que vocês fizeram e que o Brasil todo está fazendo.

Acho que ainda temos que nos preparar para a próxima Olimpíada, e, aqui, o Nuzman mencionou isso. Vamos nos preparar desde já para a próxima Olimpíada, para aquilo que venha a ser, em 2004, a consagração, que é a Olimpíada no Rio de Janeiro. Nós vamos estar, lá, juntos, torcendo. Eu já estarei mais velhinho, sei que nem na quarta idade poderei disputar, mas estarei lá, certamente – ou espero, pelo menos –, torcendo com muita alegria, porque o fato de conseguirmos colocar o Rio já nessa discussão das Olimpíadas é muito importante.

Vocês sabem que eu fui lá a Lausanne, com o apoio do Havelange e do Pelé, que lá estiveram também. Fizemos um esforço, que não foi tão grande assim, para dizer que o Rio é uma maravilha – é fácil –, que tem todas as condições para proporcionar uma acolhida extraordinária, que toda a população está realmente voltada para isso e que uma cidade que foi capaz, como foi o Rio de Janeiro, de na Eco-92 dar um exemplo ao mundo de organização, de tranquilidade, quando a população entendeu que era um momento de prestigiar, facilmente pode mostrar que fará a mesma coisa de novo em 2004; e que, portanto, nós vamos estar lá lutando para alcançar esse objetivo.

Agora, se é verdade que existe todo o esforço de um povo, se é verdade que esse esforço se concretiza em cada um de vocês quando estão com garra, disputando, também é verdade que isso não pode existir se não houver as federações, as confederações, a organização do esporte e o patrocínio do esporte.

O Governo Federal se jogou, desta vez, através dos Ministérios específicos, aqui representados pelos Ministros da Educação e das Comunicações – o Ministério se jogou através da rede de comunicações – e pelo Ministro Pelé, que foi o incentivador de tudo isso. E, na

verdade, conseguimos manter um certo nível de patrocínio. Vamos continuar mantendo. Vamos ampliar esse patrocínio. É possível, é importante. As empresas do Governo têm que fazer publicidade porque competem em várias áreas. Algumas delas têm que fazer publicidade institucional.

Então, vamos nos organizar e utilizar esses recursos, para que o Brasil sinta que é bom para todo o País, e não, simplesmente, para um pequeno grupo aqui ou ali, e muitas vezes patrocínios de que não se vê bem o sentido. Não. Aqui, há determinações muito claras, que eu dei desde o início do Governo. Quero ver nossas empresas – que, aliás, estão correspondendo – patrocinando o esporte e a cultura no Brasil.

Estamos, neste momento, recuperando quarenta prédios, que têm valor histórico no Brasil, através das empresas do Governo, que estão ajudando o Ministério da Cultura, assim como estão ajudando o Ministério dos Esportes, no esforço enorme que está fazendo Pelé para o esporte de base. E vamos continuar, também, no que diz respeito ao Comitê Olímpico, a prestar essa colaboração.

Mas seria injusto não agradecer às empresas privadas. E, no futuro, será preciso que o montante da participação da empresa privada supere a do Governo, porque há muitas empresas privadas e muito mais recursos nas mãos privadas do que nas mãos do Governo. E é necessário que haja aí também uma parceria e que nós possamos, efetivamente, mudar essa concepção do que significa o apoio aos esportes, um apoio que rende dividendos para o País, para os esportistas e para empresas que patrocinam.

Então, vão contar com o meu apoio absolutamente decidido, para que consigamos encontrar os recursos, que são tão poucos. Vamos ser claros: o Governo gastou 25 milhões de reais. Pode parecer que é muito, mas, quando se vê o orçamento de muitas empresas, nota-se que isso é absolutamente factível, que dá para enfrentar, e vamos continuar enfrentando.

Quero, enfim, agradecer muito a vocês. Também acho legítimo que eu agradeça em nome de todos os brasileiros. Alguns dos atletas não voltarão nas próximas Olimpíadas, já fizeram uma carreira bo-

nita. A esses que estão encerrando as suas participações – e nunca se sabe quando se encerra; vamos ver se não há mais alguma chance ainda de continuação para alguns –, aos que não quiserem ou não puderem continuar, nós queremos agradecer.

E quero agradecer muito especialmente aos que não tiveram medalha e se empenharam também em lutar. Ter ou não ter medalha, nós já dissemos aqui, é ótimo, mas é um acidente. Muitas vezes não se consegue e se tinha até méritos para conseguir. Outras vezes, conseguiu-se porque houve sorte. E outros não conseguiram porque não tiveram ainda o esforço do País e próprio para ganhar uma medalha, mas lutaram, especialmente as moças do futebol, por quem eu torci fortemente aqui, porque a gente via que o patrocínio era fraco, não tinham ainda condições, mas estavam ali brigando. Isso é importante. Também, o Brasil todo sabe, sem diminuir o nosso gênero, que as mulheres realmente foram fantásticas – aliás, são.

De modo que merece também uma referência especial esse empenho de todos vocês, que quero agradecer. Seria injusto se eu não desse uma palavra sobre o Cláudio Kano, que não pôde chegar lá. Acho que é como se tivesse estado lá também. E eu, em nome de todos os brasileiros, quero marcar que lamentamos todos que não tivesse sido possível. Mas o fundamental é que nós conseguimos muita coisa e que vamos conseguir mais. Um povo que se contenta com o que já tem não vai para a frente. Um líder desportista ou político, ou o que seja, que se contenta com o que já fez não vai para a frente. Um atleta que se contenta com o que já fez não vai para a frente, especialmente nesse terreno em que a competição não é para destruir ninguém, é simplesmente uma forma de todos poderem crescer juntos.

Com esse espírito, tenho certeza de que vamos estar em Sidney e, com muito entusiasmo, vamos estar no Rio em 2004, e vamos continuar, não direi só ganhando medalhas, mas ganhando o aplauso dos brasileiros e das brasileiras, porque estão vendo que esse pessoal tinha e tem muita garra.

Eu agradeço muito a vocês, muito obrigado.